



Por uma nova estação

Fábio C. Nunes

Ilustrações: Ana Luiza A. Nunes



Por uma nova estação...



**Atribuição-NãoComercial-
Compartilha Igual 3.0 Brasil
(CC BY-NC-SA 3.0 BR)**

Ativar o Windows
Acesse Configurações para

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/deed.pt_BR



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

Para Ana Luiza, minha filha.



Por uma nova estação...

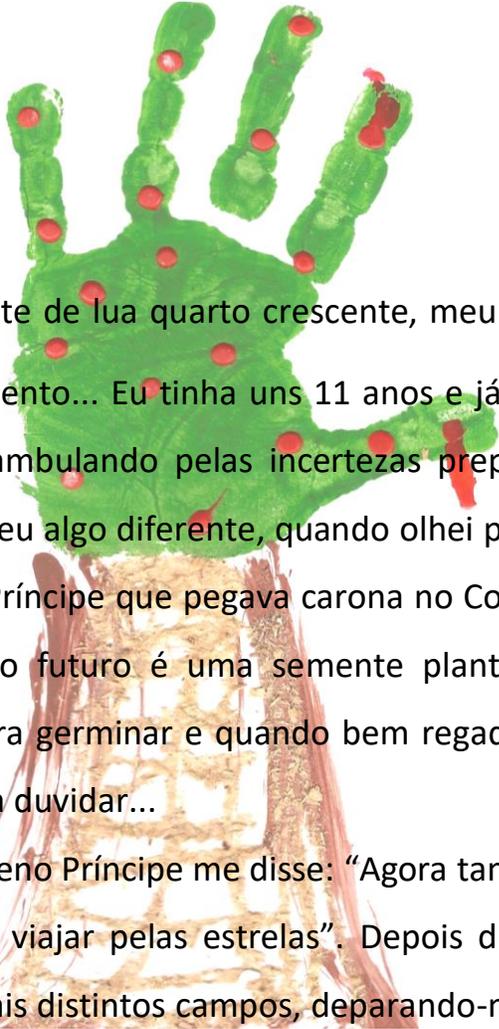


Por uma nova estação...

APRESENTAÇÃO

“Mas eu não estou interessado
Em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia
Nem no algo mais
Longe o profeta do terror
Que a laranja mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas
Me interessa mais...”

(Belchior – Alucinação)



Era noite de lua quarto crescente, meu coração tremia qual pálida chama ao sabor do vento... Eu tinha uns 11 anos e já habitava o templo de Thaumás, o espanto, perambulando pelas incertezas preparadas pelo tempo. Mas naquela noite aconteceu algo diferente, quando olhei para o céu fui envolto pelo cachecol do Pequeno Príncipe que pegava carona no Cometa Halley e, então, eu entendi... Entendi que o futuro é uma semente plantada no coração, precisa da água esperança para germinar e quando bem regada desabrocha em aquarelas que o pintor chega a duvidar...

O Pequeno Príncipe me disse: “Agora também és um príncipe, pois conhece o segredo de viajar pelas estrelas”. Depois disso, saí pelo mundo encontrando abrigo nos mais distintos campos, deparando-me com a solidão, os frios ventos, o medo e a fome, mas não esqueci daquela tez franzina que me ensinou sobre o futuro, acordando meu mestre interior.

Conheci, viajando através de muitos planetas, príncipes e princesas que me ensinaram que o futuro não precisa ser perigoso. Entretanto, é necessário semear sentidos, poemas e versos através de rabos de cometas, praças, fontes, salas ou



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

livros. Aqui estou exercitando o que aprendi, honrando os mestres e, humildemente, ajudando a nos conduzir para uma nova estação...

Fábio Carvalho Nunes



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

PREFÁCIO

“Meus sentimentos são como minha impressão digital, como a cor dos meus olhos e o tom de minha voz: únicos e irrepetíveis. Para você me conhecer, é preciso que conheça meus sentimentos.”

Jonh Powel

Poesia, filosofia, desenhos e reflexões... Tudo no mesmo lugar, às vezes misturado, como se diz aqui na Bahia. Mas há algo que os entrelaça – meus sentimentos. Sentimentos por uma nova estação, onde será possível amar sem medida, sem medo e sem partida, porque não haverá mais fronteiras entre nós, mesmo quando estivermos em diferentes dimensões.

Este e-book reúne textos de outrora, muitos deles nem sei bem quando escrevi. A maioria nasceu do olhar de minha criança interior, uma criança que ainda me lembra que o essencial está presente nas coisas simples e sutis da vida. As ilustrações também surgiram do olhar de uma criança, são representações de minha filha Ana Luiza quando tinha entre 3 e 5 anos de idade. Guardei-as como lembrança e agora as compartilho para um público mais amplo. Foi uma experiência boa resgatar textos e ilustrações e ofertá-los ao mundo.

O texto **“Ocaso ou amanhecer?”** inspirou a composição deste livro e foi escrito a partir de uma palestra que ministrei no Instituto Federal Baiano, Campus Governador Mangabeira. Ele reflete meu olhar de criança sobre o assunto, não desconexo com a realidade, mas infantil, por isso repleto de amor e esperança. Ao resgatá-lo constatei que continuo acreditando no futuro, apesar das intempéries, embora hoje tenha uma visão mais crítica da realidade (**Será???!!!**). Espero que goste das reflexões e elas possam aquecer seu coração.



Por uma nova estação...



SUMÁRIO

O LIVRO _____	8
DESCENDÊNCIA _____	9
A PEDRA FILOSOFAL _____	11
O SOL NÃO ACORDOU AS PESSOAS _____	16
UM ESPAÇO PARA A SOLIDARIEDADE... _____	18
AMOR ABANDONADO _____	30
A MESMA CANÇÃO NA PRAÇA DA PIEDADE _____	32
AVENIDA PARALELA _____	35
PARA QUE, CIENTISTA? _____	37
OCASO OU AMANHECER? _____	42
ENQUANTO... _____	56
É TARDE... _____	56
QUANDO O FRIO VENTO... _____	60
UMA CANÇÃO UNIVERSAL... _____	61





Por uma nova estação...

O LIVRO



Lê-lo-ei,
oh livro de mim!
Para que meu corpo
caminhe vivo,
para que meu sorriso
seja livre
e os meus lábios
se entrelace aos seus...



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

DESCENDÊNCIA

Descendo da linhagem de grandes guerreiros da África,
que conheceu um berço cheio de amor
mas como todo guerreiro teve que conhecer o deserto,
a escuridão da noite sem estrelas
para que tivesse sede de paz

Corri os desertos, as savanas atravessei
e agora nos trópicos cheguei,
nas águas que matam a sede do ofegante,
dos fracos, dos oprimidos e dos acorrentados

- O calor de Seus Braços -

Sou filho dos grandes desbravadores da Europa,
que cruzaram as incertezas dos mares
e depois de noites de solidão,
encontraram um ninho entre os poetas
e semearam na terra dos palmares
as sementes para advir uma bela nação

Do encontro entre o guerreiro negro,
dos olhos negros
com os verdes olhos,
infantes da floresta austral,
nasceu uma linhagem forte



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

que possui a coragem dos heróis
e os sonhos dos navegantes...

Dos guerreiros herdei a força
e a vontade de paz,
dos sonhadores
a esperança para plantar
e na vida tão somente
navegar...



Por uma nova estação...



A PEDRA FILOSOFAL¹

Não precisamos nem mesmo nos arriscar sozinhos na aventura, pois os heróis de todos os tempos já foram à nossa frente. O labirinto é bem conhecido só temos que seguir os passos do herói. E onde pensávamos encontrar algo abominável encontramos um deus. E onde pensávamos que teríamos de matar alguém teremos de matar a nós mesmos. E quando pensávamos viajar para fora chegaremos bem no centro da nossa própria existência. E onde pensávamos estar sozinhos, estaremos em companhia do mundo inteiro (CAMPBELL, 2005).

O conhecimento nasce do espanto, ou seja, quando o ser humano se assombra com o mundo e indaga sobre a realidade. Platão já dizia que a filosofia nasce do assombro (MAGAEE, 2001), os mitos também irrompiam da perplexidade, dos esforços engenhosos do homem primitivo para explicar o mundo ameaçador e desconcertante à sua volta² (FREUND, 2008). A mitologia grega é reveladora a este respeito, como nos ensina Unger (2000), ela nos diz que Íris (a mensageira dos deuses), aquela que faz a ponte entre o homem e sua transcendência, é filha de Thaumás, o espanto. Tanto Platão quanto Aristóteles se reportam a este mito para dizer que o espanto é arché, princípio de criação, de conhecimento. O espanto, a perplexidade permitem a irrupção do sagrado, por isso é fonte de criação, porque é uma força desorganizadora, subversiva, titânica (UNGER, 2000). A ciência é filha da tradição sagrada e profana do ato de perguntar, linhagem de Thaumás.

O princípio fundamental da ciência é a pergunta, o levantamento de uma questão norteia uma série de procedimentos considerados racionalmente

¹ Publicado originalmente na Revista Garrafa, v. 8, n. 23 (2010).

² Os mitos ainda habitam o cotidiano da humanidade, essa forma criativa de explicar a realidade emerge em todos os âmbitos, nas ruas, nas igrejas, nas escolas, na Academia. Como nos ensina Joseph Campbell (1990), a mitologia é a canção do universo, a música das esferas, música que nós dançamos mesmo quando não somos capazes de reconhecer a melodia.





adequados para respondê-la. Quando pergunta o cientista é comovido pela mesma inquietação de seus ancestrais: respondê-la. Para responder as questões formuladas o ser humano realiza uma viagem através de seu corpo e mente fazendo emergir intuições e pensamentos, os quais nortearam caminhos a seguir.

O homem moderno ou pós-moderno inicialmente realiza a mesma viagem que seus ancestrais na busca pelo conhecimento, só que os caminhos para adquirir as respostas são diferentes. O resultado é elaborado e apresentado de diferentes maneiras, contudo sempre através de uma história, de uma narrativa, que pode ser mais ou menos convincente, mas sempre uma história. Por isso, todo cientista é um contador de histórias, elo profundo com as raízes do saber primevo, mesmo que não se dê conta ou procure esconder.

Todo cientista tem um quê de criador de mitos, às vezes no anseio de sacralizar o seu estudo ou algo que ajudou a desvendar. Muitas histórias foram criadas ao longo da trajetória científica, algumas embriagantes, alucinógenas. Talvez a mais embriagante, a capaz de causar as maiores alucinações, diz que a ciência é a única forma plausível de aproximação da realidade, ou pior, que é a única maneira de se alcançar a “verdade”.

Felizmente, “a verdade científica” é provisória e nesse aspecto é também muito similar ao mito. Se a hipótese de Laplace para explicar a origem da Terra e do Sistema Solar não é mais válida, sob que aspectos, como indaga Freund (2008), as teorias outrora cientificamente aceitas são diferentes dos mitos? Felizmente estão despertando desse acorde entorpecente.

Tem-se observado nos últimos anos vários movimentos que estão (re)aproximando ciência, filosofia, arte e religião, fazendo emergir um momento importante para grandes inovações e construções significativas em todos os





âmbitos da sociedade. Talvez esse momento oportuno possa ajudar o ser humano a perceber, de fato, que deve preferir o diálogo, respeitar os diversos olhares, escutar os diferentes saberes. Ver através de outras lentes amplia as fronteiras de nossa percepção, de nosso entendimento do mundo, do outro e de nós mesmos. Ampliamos nossa cultura e a visão do real se expande, permitindo que novos paradigmas se instalem (NUNES, 2009).

O diálogo entre os diferentes saberes poderá conduzir a humanidade a um conhecimento singular e mais profícuo da realidade, o que (re)significará a sua existência, possibilitando a construção de relações mais íntimas com o mundo. Como, por exemplo, construir condomínios, praças, escolas, cidades, leis mais justas, mais condizentes com a sociedade se não valorizam os diferentes saberes, se não oportunizam o diálogo, se não consideram a visão e a percepção de mundo dos concidadãos?

O diálogo entre os saberes poderá conduzir à pedra filosofal, capaz de realizar uma profunda transformação no ser humano. Mas o que é a pedra filosofal? A palavra pedra advém do grego “*pétra*”, que pode significar superfície rígida que dá suporte. Pedra filosofal pode ser entendida como a “base de um saber notável” ou da sabedoria e que em árabe se diz “*al kimia*” – a alquímica representaria, por isso, um saber extraordinário, capaz de realizar transmutações. Mas qual a verdadeira força capaz de transformar o indivíduo? De onde pode emergir? Certamente das profundezas de seu interior, através do autoconhecimento.

O autoconhecimento e sua busca alicerçam a humanidade, significam a existência, sinalizam a jornada e apontam para a transcendência, porque amam o conhecimento e tecem teias, redes que apuram sentidos. A verdadeira pedra





filosofal está dentro de cada homem ou mulher, por isso o “conhece-te a ti mesmo” é tão profundo, universal, fundamental para a transcendência.

A busca pelo autoconhecimento é uma das estratégias mais fascinantes e importantes desenvolvidas por nossa espécie e, certamente, conduzir-nos-á a um novo patamar de consciência e de convivência universal. Por isso nossos ancestrais, íntimos conhecedores da alma humana, valorizavam nos mitos histórias que conduziam à reflexão sobre os princípios, valores, sobre a relação com a casa (interior e exterior).

O ser humano é a natureza tomando consciência de si mesma, como dizia o geógrafo francês Eliséé Reclus, e como natureza é “doce ou atroz”, “manso ou feroz” e caçador de si mesmo. Às vezes eu penso na Terra como uma escola e no ser humano como seu maior aprendiz. Como todo grande discípulo, questiona o que lhe foi ensinado, acerta e erra tudo ao mesmo tempo, mas o incrível, o incrível é perceber que no caminho ele aprende, aprende inclusive a amar a sua inconstância. Assim, a natureza da qual pertence, vai tomando consciência de si mesma, por isso, eu acredito no futuro, porque acredito na Natureza, que transforma água em vinho, sol em chuva, pedra em ouro, surtos em elixir de longa vida.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1ª edição. 1990. 242p.

CAMPBELL, J. A saga do herói. In: **O Poder do Mito**. DVD, Estúdio Log On/Cultura marcas, São Paulo, 1ª edição. 2005.





Por uma nova estação...

FREUND, P. **Mitos da criação**: as origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência. São Paulo, Editora Cultrix, 2008. 248p.

MAGAE, B. **História da Filosofia**. São Paulo, Edições Loyola, 3ª edição. 2001. 240p.

NUNES, F. C. Um espaço para a solidariedade: reflexões a partir do livro Ensaio sobre a cegueira. **Revista Garrafa** (PPGL/UFRJ). , v.19, p.1 - 10, 2009.

UNGER, N. M. **O encantamento do humano**: Ecologia e espiritualidade. Edições Loyola, São Paulo, Brasil. 2ª edição, 2000. 94p.



Por uma nova estação...



O SOL NÃO ACORDOU AS PESSOAS

Quando as palavras caem
em completo abandono
e o coração não consegue
alcançar os sonhos,
a alma do aflito
já não se pergunta
e absorvida do ser natural,
não homem, bicho,
não consciente, mas agente,
revira o que sobrou
da sociedade entorpecente.

Paradoxo doentio,
também entorpecida
pela SIDA
que carcome
nossa terra gentil,
a cidade se divisinha,
mas se enxerga
muito mal.

Para salvá-la
criam espaços de ignorância;





Por uma nova estação...

a praça que outrora era do povo,

já não pertence às massas

e o com dor ansioso as rodeia.

“Loucos!” – O bardo clama.

“Precisam salvar as pessoas.”

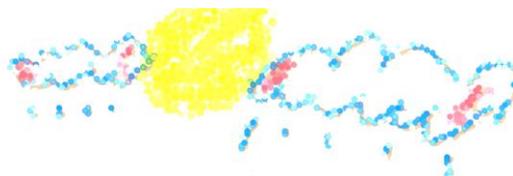
Mas o sol que pulsa,

arde, com a mesma chama,

acorda os pássaros e as flores,

mas não as pessoas.

Porque será?



Por uma nova estação...



UM ESPAÇO PARA A SOLIDARIEDADE: REFLEXÕES A PARTIR DO LIVRO ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA^{3,4}

“É muito saudável socialmente a gente falar muito pouco do que está vendo. É tão perigoso... que a maioria acaba não dizendo o que vê nem para si mesmo.” (GAIARSA, 1986).

Desde os primórdios, por questões de própria sobrevivência, a mente humana é impregnada de ideias geográficas, isto porque precisava coletar alimentos, dominar e conviver com o seu meio. Por isso um escritor, mesmo sem utilizar conscientemente de elementos geográficos, os expressa inevitavelmente em sua narrativa.

Através do romance, uma forma específica de representação do espaço geográfico se coloca, de acordo com a ótica do autor (BASTOS, 1993), trata-se, por conseguinte, de uma imagem particular do mundo. O espaço revelado através de uma ficção pode trazer em si vários aspectos da realidade, porque nela o autor se baseia e não é feita apenas de forma explícita; as metáforas ultrapassam as barreiras do denotativo, conferindo a cada leitor grandes possibilidades de análises, próprias da viagem fantástica que cada um pode realizar através do pensamento.

O mundo pode ser apreendido de várias maneiras e o romance apresenta-se como uma delas, servindo muitas vezes como denúncia de uma situação existente ou prevista. Daí a importância deste ensaio, que se propõe a refletir sobre a realidade do mundo contemporâneo, através do livro “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago, célebre escritor português, humanista e Nobel de

³ Reflexões a partir do romance de José Saramago Ensaio sobre a cegueira, 22ª edição, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1995. 310p.

⁴ Publicado originalmente na REVISTA GARRAFA (PPGL/UF RJ), v. 19, p. 1-10, 2009.





literatura. Seu romance é, ao mesmo tempo, uma denúncia, reflexão, bem como proposição para a construção de um mundo mais solidário, possível de se realizar quando cada um de nós, fecharmos os olhos e nos descobrimos cegos, para que então possamos realmente enxergar (com os olhos da alma) o que estamos fazendo conosco e com nossos semelhantes.

Então está na hora de realizar esta viagem, através da literatura e da Geografia (a qual não é menos que uma aventura), convida-se então o leitor a embarcar, a afrouxar os cintos... e decolar!

CRÍTICA DA LOUCURA PURA

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

“Não se trata apenas de reparar no significado das coisas, mas também de proceder à reparação do que foi perdido, ou mutilado (...).”

Uma crítica à loucura pura aos homens e mulheres que constroem e reconstróem o espaço contemporâneo só seria possível num mundo de cegos, porque “só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeiramente são”, por isso, José Saramago convida a viajar através da ficção mais real da história.

Automóveis parados diante do sinal vermelho do semáforo, assim começa a narrativa. Um dia aparentemente normal na cidade, *“os carros parados numa esquina esperam o sinal mudar. A luz acende-se, mas um dos carros não se move. Em meio às buzinas enfurecidas e à gente que bate nos vidros percebe-se o movimento da boca do motorista, formando duas palavras: Estou cego”*. Trata-se do primeiro caso de uma cegueira branca, altamente contagiosa, que acomete a cidade e se alastra além de suas fronteiras.





“... é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se eu tivesse caído num mar de leite” - diz a personagem - “Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira é negra, Pois eu vejo tudo branco...” (p.13).

O vermelho será a última visão através das retinas que o primeiro cego guardará da realidade, trata-se da primeira grande metáfora do livro, que conduz à reflexão do mundo em desatino. O vermelho do despontar das trevas (mas de uma treva branca), que obriga a parar, observar para tentar descobrir o que está acontecendo, num espaço - a cidade - onde a competitividade é mais acentuada, porque nela o capitalismo flui mais facilmente, dado o império das técnicas que aceleram o tempo e torna cada vez mais fluido não só o espaço, mas, sobretudo, as relações entre as pessoas.

A cidade de nossos dias é o espaço que esposa ansiosa as técnicas que aceleram o tempo, onde os carros são mais um dado que a conforma. Nela, a corrida para absorver, concretizar o tempo em ações imediatas, faz com que as pessoas se enxerguem muito menos e isto diminui a paciência. Sem paciência não é possível entender o outro, vê-lo em verdade, por isso, a solidariedade desaparece, não sendo possível a construção de um espaço real mais justo e solidário.

No mundo contemporâneo a competitividade, o consumo e a confusão dos espíritos são baluartes do estado de coisas que acometem à sociedade. A competitividade e o consumo comandam às nossas ações e a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo e de cada um de nós (SANTOS, 2000).





Vivemos num mundo fabricado pelo homem, onde a cidade é a expressão espacial onde as coisas mais se realizam, por conseguinte, onde mais aparecem os problemas gerados pela estrutura socioeconômica e nela devemos reaprender a viver.

Segundo Santos (1993) o tempo se dá pelos homens:

“O tempo concreto dos homens é a temporalização prática, movimento do mundo dentro de cada qual e, por isso, interpretação particular do Tempo por cada grupo, cada classe social, cada indivíduo. A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso, a cidade é o lugar da educação e da re-educação.”

Por isso, não é à toa que em meio à rotina da cidade contemporânea a trama do romance começa a se desenvolver.

Um dos principais fundamentos das sociedades atuais é a informação, que encontra alicerce na produção de imagens e do imaginário, confundindo mais do que esclarecendo. Segundo o psicanalista Gaiarsa (1986), como “o olhar está presente – e preside – a quase tudo o que somos, que fazemos, que acontecemos, a maior parte das forças de repressão social e de seu controle, concentram-se contra a visão”.

Em seu ensaio sobre a cegueira Saramago conduz o leitor a refletir sobre o mundo real (envolto em fábulas), a ficar cego, a vacinar-se contra o mundo das aparências, para que possa então enxergar melhor a si mesmo e ao outro. Através dos olhos das personagens cegas, as quais aos poucos são compelidas a mergulharem em seus instintos mais básicos, o leitor é chamado a ver o mundo com outros olhos, a resgatar o afeto e a solidariedade.





A CEGUEIRA BRANCA: METÁFORA DO MUNDO DAS FABULAÇÕES

Saramago atenta para um mundo construído por cegos, cegos que vêem mas não enxergam, isto porque vivem num mundo confuso, confusamente construído, dado à cegueira de seus operários. A cegueira branca é uma bela metáfora, observemos então, com sabor, como o escritor expressa o sentimento do primeiro cego, depois de ter sido conduzido para casa e lá se encontrava só, esperando sua esposa chegar do trabalho:

“Chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era, afinal, senão a simples ausência da luz, que o que chamamos de cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro. Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis” (p.16).

O alerta da cegueira branca é o mesmo alerta que Santos (2000) faz quando enfatiza que para a realização do mundo atual é necessário o exercício constante de fábulas – *o mar de leite que encobre a verdade das coisas e dos objetos, tornando-as de certa maneira duplamente invisíveis* – “porque quando tudo permitia imaginar que se tornara possível à criação de um mundo verás, o que é imposto aos espíritos é um mundo de fabulações”, ao invés de produzir grandes relatos. Tal alerta também é feito por outros cientistas sociais como Robert Kurz e Luís Mir.

“Em que medida a realidade é real? Essa pergunta do construtivismo (Paul Watzlawick) parece impor-se cada vez mais à consciência social. A dúvida quanto à realidade da existência há muito tornou-se popular na ficção científica...” (KURZ,





1998), refletindo um sentimento que permeia o imaginário coletivo. Provavelmente tudo na era das técnicas da informação e da comunicação pode ser simulado, inclusive o homem, que fez de si algo supérfluo. O referido autor ainda denota que talvez o indício mais forte do império da cultura da simulação é o fato de certos homens não se levarem a sério e nem mesmo saberem se realmente existem.

Mir (2004) refletindo sobre as facetas do Estado também dispara:

“O Estado Liberal, a moral humanitária e o progresso coletivo são meros artifícios que mascaram uma brutalidade latente, um desprezo completo pela vida. Mais além de supostas fascinações retóricas através das suas mentiras - que foram muitas e constantes - , constataremos uma única verdade: o nosso mundo, a nossa sociedade é pura falsidade, um embuste estabelecido; não existe a nação como integração, superando as contradições que há nos distintos coletivos sociais, nem o Estado é instrumento da lei e árbitro de sua aplicação. Mentiram sem limites – diria Arendt -, assentados sobre uma única verdade que a realidade empenha-se em negar”.

José Saramago - e seu alter-ego no romance - vão além, e ainda denunciam a habilidade que adquirimos em negar as nossas próprias agressões.

“... Com o andar dos tempos, mais as actividades de convivência e as trocas genéticas, acabámos por meter a consciência na cor do sangue e no sal das lágrimas, e, como se tanto fosse pouco, fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca.” (p.26).

Como se tanto fosse pouco, o mundo em desatino é fruto da insensatez, que a todo tempo devora as verdades nuas, transformando-as em inverdades sugestivas.





O TEMPO LENTO E A FORÇA DOS CEGOS

Outro aspecto importante a se analisar é que as pessoas ao ficarem cegas, descobrir-se-ão homens e mulheres lentas. Peço permissão de Milton Santos para fazer o trocadilho: A força dos cegos será o seu tempo lento. Se no mundo atual “velocidade é força”, os cegos quase imóveis no espaço seriam os homens lentos e, por isso, os que redescobririam o mundo com mais facilidade, simplesmente pelo fato de terem diminuído a marcha; os cegos sentir-se-ão fracos pela perda da visão e conseqüente diminuição de marcha, como fracos terão no seu tempo lento a força para redescobrirem o afeto e a solidariedade.

Milton Santos provoca:

“Quem vê mais, quem é mais ágil em matéria de elaboração de pensamento, o ativista arrogante e suado que pensa estar perto do povo somente porque reside na porta da fábrica, ou o intelectual rigoroso e modesto, preso ao seu escritório, sentado na poltrona?” (SANTOS, 1993).

Qual o homem que re-descobrirá o afeto e refletirá melhor sobre o que estamos fazendo conosco e com nossos semelhantes?

NOS ESPAÇOS DE EXCLUSÃO O SURGIMENTO DE ESPAÇOS SOLIDÁRIOS

Os representantes oficiais (formais), tentando evitar a evolução do contágio, vão confinando os cegos num manicômio (o qual é mantido sob uma





vigilância rigorosa) e, ao passo que o problema evolui, mais cegos são ali postos, tornando as condições de sobrevivência mais precárias.

É como se o Estado para resolver a situação, e, “em nome do bem estar social”, aplicasse o conselho de um velho conhecido das Ciências Sociais, Thomas Malthus:

“... devemos facilitar a ação da natureza que produz a mortalidade... em nossas cidades, deveríamos construir as ruas mais estreitas, apinhar mais gente no interior das casas e provocar o retorno de pragas” (MALTHUS, 1961).

Será que Saramago também não estaria nos (re)lembrando como o Estado, em todo o mundo, procura resolver as mais diversas questões da sociedade, criando espaços de exclusão ou espaços sem cidadãos? Luís Mir desabafa:

“Não podemos mais admitir que se construam novos campos de lento extermínio, novas favelas, novos Auschwitz... Devemos fazer, inclusive do silêncio, um grito de resistência”. (MIR, 2004).

Saramago vai além, ultrapassa as barreiras do visível, fazendo da cegueira branca um elo para que se enxergue a escuridão de nossos dias.

Entregues à própria sorte, os cegos terão no manicômio todo o tempo do mundo para sentirem de perto o bafo quente da loucura, que degrada e separa o ser de seu semelhante, a serpente, o dragão que dilacera o paraíso do mundo social com egoísmo, intolerância e antropofagia, pois carcome a alma boa do imaginário coletivo. Vão sentir na pele as palavras de Thomas Hobbes – o homem é lobo do homem -, pois segundo o referido filósofo a natureza fez os homens iguais, de onde deriva o anseio de adquirir os mesmos fins, motivo pelo qual o





homem é naturalmente inimigo de todo o homem; “a natureza os fez homens capazes da autodestruição” (OLIVEIRA, 1993). “É desta massa que somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade”, diz a personagem.

Mas o homem não é só feito “desta massa” e esta mensagem ecoa em Ensaio sobre a cegueira, lembrando-nos a “responsabilidade ter olhos quando os outros os perderam.” No manicômio os cegos também aprendem as boas faces da loucura, esta, como diria Erasmo de Roterdã (2004), que por ter nascido de Pluto (a personificação grega da riqueza) pode pôr de pernas para o ar todas as coisas, conduzindo a seu capricho tanto à guerra quanto à paz.

No mundo atual confiar cegamente em alguém seria uma loucura? Pois bem, a partir do momento que as personagens são confinadas no manicômio, a única personagem que vê (em oculto) conduz um grupo de cegos a confiar cegamente um no outro, enfatizando que só assim conseguiriam sobreviver. Tendo que confiar na percepção do outro, passam a enxergar o mundo através de outros olhos.

O filósofo Husserl (1913) nos ensinou que embora a visão individual seja importante, apenas através dela não é possível se chegar à apreensão da realidade, pois é impregnada pela ideologia e pela visão fragmentada do mundo pelo homem, o qual em seu dia a dia percebe apenas o que os seus sentidos alcançam de imediato, dentro do mosaico de paisagens que compõem a realidade. Ver através do outro amplia as fronteiras de nossa percepção, de nosso entendimento do mundo, do outro e de nós mesmos. Ampliamos nossa cultura e a visão do real se expande, permitindo que novos paradigmas venham a se instalar.





Só confiando um no outro, de mãos dadas, é que os cegos conseguem sair do manicômio e redescobrem a cidade; uma cidade que não é mais a mesma, ela fede e precisa ser reinventada. O humanista Saramago parece sussurrar e a grandeza de suas palavras faz ecoar: é preciso reinventar a cidade e para isto é preciso recriar o homem. Só é possível sobreviver à barbárie da autoflagelação humana enlaçando as mãos, diluindo as fronteiras que separam as etnias e as nações.

É preciso, por isso, diluir os espaços de exclusão e construir novos espaços de solidariedade. Apesar das aparências, é nos espaços de exclusão que se nota o surgimento dos neoespaços solidários, e são exatamente os homens comuns, os pobres, os flagelados, segundo Milton Santos, os atores que estão descobrindo uma nova solidariedade na cidade. Onde impera o absurdo, os limites do imponderável, pode emergir e tem emergido soluções para a desordem; realmente no caos habita a ordem, ou seria, quem sabe, a (re)invenção da ordem?

Ensaio sobre a cegueira é uma obra de um visionário, que deslumbra pela sua imensidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a Antropologia Comportamentalista o que o homem é não está decidido de uma vez para sempre, nas palavras de Oliveira (1993) o homem revela-se como essencialmente aberto; seu comportamento não está simplesmente predeterminado e pré-decidiado pelo sistema instintivo, o que significa que ele pode e deve conquistar-se. “O homem não é pura e





simplesmente, mas se faz no mundo através de sua ação”. O ser pode, apesar da cegueira que comanda a sociedade globalitária, transformar-se e construir um novo mundo.

É na cidade, onde se observa de forma mais intensa a multiplicidade de culturas, de tempos e de espaços (inclusive de ciberespaços), que se têm as maiores possibilidades de se construir um novo homem, e, por conseguinte, novos espaços. Oxalá! Que na urbe venha a nascer, largamente, homens com outros olhos, que enlacem as mãos na construção de um mundo melhor. O romance de Saramago sinaliza a possibilidade, através do despertar surgido a partir da experiência da exclusão.

Embora os temas do horror estejam cada vez mais presentes em nosso cotidiano, potencializados através das “telas” da mídia, a cidade apresenta fenômenos socioespaciais de “enorme conteúdo teleológico, apontando para um mundo diferente e melhor” (SANTOS, 1993). E são nos espaços de exclusão e/ou nos espaços de quase impotência (onde impera tempos lentos), que têm surgido novas possibilidades. A leitura da beleza é possível e está presente nos livros e na vida, querendo contribuir para um Ensaio sobre a lucidez.

REFERÊNCIAS

BASTOS, A.R.V.R. **Geografia e os romances nordestinos das décadas de 1930 e 1940**: uma contribuição ao ensino. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 1993.

GAIARSA, J.A. O que é corpo. **In**: Primeiros passos, Volume II.. São Paulo, SP: Editora Círculo do Livro, 1986. p. 77-121.





HURSSERL, E. Las esencias y el conocimiento de ellas. **In:** Ideas relativas a una fenomenologia pura y una fenomenológica. México, Fondo de Cultura Económica. 1913.

KURZ, R. **Os últimos combates**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 4ª edição, Parte III – A realidade irreal. 1998. p. 127-134.

MALTHUS, T. R. **Essay on the principle of population**. New York: Dutton. 1961

MIR, L. **Guerra Civil**: Estado e trauma. Geração Editorial, São Paulo, 2004. 956p.

OLIVEIRA, M.A. de. **Ética e Sociabilidade**. São Paulo: Loyola, 1993 (Coleção filosofia: 25). p.11-54.

ERASMO. D. **Elogia da loucura**. Porto Alegre: L&PM, 2004. 144p.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 2.ed., Rio de Janeiro, Record, 2000. 174p.

SANTOS, M. MetrÓpole: a força dos fracos é o seu tempo lento. **Ciência & Ambiente**, IV(7) Jul/Dez, 1993. p. 7-12.





AMOR ABANDONADO

No frio do concreto urbano
o coração não se acalma,
as vagas não se resumem,
as lágrimas dizem adeus às palavras

No canto,
o amor abandonado está.
O choro da criança plagiada
Deixa a atmosfera embalsamada;
Nas mãos trêmulas do drogado,
No crânio dos poetas quase fantasmas

As vagas não se resumem,
As lágrimas dizem adeus às palavras...

Nus, longe do espírito,
Uns comem carne,
Outros apenas madrugadas;
Nos motéis do sexo virtual,
Nas calçadas, mendigando traças

As lágrimas não resumem,
As vagas dizem adeus às palavras...

Por isso, as falanges se instalam,
A violência é um acato ao desamor,
Se se deixa de nosso lado
Uma criança com dor,
Como se pode cobrar amor?

Pobre da rua,
Pobre da casa,
Que de vaga em vaga
Se incendeia, contemplando o estádio,





Por uma nova estação...

Pobre do poeta que sofre tantas vezes,
No amargor do contágio.



*Minha casa, um pedacinho de quem sou,
um pedacinho do mundo que transforma o ser...*



Por uma nova estação...



A MESMA CANÇÃO NA PRAÇA DA PIEDADE

Difícil é rimar
nas horas de aflição,
quem me dera cantar
na praça da inquisição...

Devaneio...
E na grande praça que é a vida,
eu sofro com a piedade,
que me leva a contracenar...

'Pobre pele de jacaré
que nada em seco'
É o menino
que vacila
(dó, ré...)
e vira bolsa de madame,
- Cai na polícia -
que oscila
e leva bolsa de madame
- Cai na delícia -

'Se respiro
Logo insisto,
O seu cheiro também é meu.'

Regra faz-se ao meu destino
E por isso desatino,
Que me envolvo a indagar:

'Se hoje a criança chora
é dó maior,
lá sustenido,
ferido!
A criança seca





Por uma nova estação...

as lágrimas,
em completo si,
o que será?’

- Perigo!
Inopino,
devo me confessar...

De longe admirador,
salta um olhar
de criança
para perto de mim,
repara a kermisse
e age como quesitor:

‘Uma prece
enriquece
a pressa
e não absorve
em tua asa
consoladora,
a algia
vigia.
Piedade,
Majestade!’

Ecoa
dissonante,
não obstante.
Denota
a nota,
tantálica!
A seus pés
há sombra de Três Senhores,
não sou o Moderador
de sua dor.



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

'Nem um pio
e sem essa de tio'.

De paletó
é impossível pecar,
estou impecável.

Um solo para me afastar...



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

AVENIDA PARALELA

Como nós estamos agora?
É a pergunta que mais me faço
nessas temporadas de inverso,
inconstante pela constância
que nos acostumamos ser

Ouvir uma canção de inverno,
nesta estrada fria,
ver os carros na contramão
detonar a alegria,
me dói
como a boca do faminto
revirando lixo
em busca de pão

Ver as pessoas atravessando a vida
nas paralelas, nas passarelas,
de mãos soltas em desafio,
sem versos nas mãos,
é como estar com febre,
ansioso pela vida
mas à beira da escuridão

A paralela
e seu coração juvenil
que pulsa com rouquidão,
atravessa-me à bala,
mas deveria me fazer sorrir...

Penso, logo diviso:
“Há tempos não vejo aqueles amigos,
que na adolescência plantavam sonhos
entrelaçando as mãos...”

Ah, Paralela!



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

Estrada fria!

Neste período
em que falta composição,
o toc toc de seu coração
não deveria nos dividir,
antes unir as nossas mãos,
mas a nossa invernada,
em ver nada,
nos faz apagar
antes de luzir.

Amigos, bons amigos,
já que vocês não estão aqui,
o que faço de minh'alma,
que aprendeu com calma
por vocês a chorar
e a sorrir?



Por uma nova estação...



PARA QUE, CIENTISTA?^{5,6}

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que estas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos (CAMPBELL, 1991, p.5).

O homem conta histórias para se aproximar da realidade e os mitos representavam e, de certa forma, ainda representam simbolicamente o que a humanidade entende de si e de seu entorno. Contudo, embora se considere a importância do mito, a humanidade inventou outras formas de aproximação e, por conseguinte, explicação da realidade.

A ciência, filha do mito, conta histórias e empresta seu empenho, sua sistemática, para aproximar o ser humano da realidade. Mas para quê se aproximar da realidade? No plano puramente físico, como ensina Campbell (1991) na epígrafe acima, para que os *sapiens* possam sentir o enlevo de estar vivos. As luzes que se acendem ou se apagam, as obras de arte da engenharia que deslumbram ou apavoram podem revelar o sentido da vida e o trabalho do cientista é oportunizar o enlevo, através das aproximações que realiza. Muitas vezes o cientista não encontra o sentido de seu próprio trabalho, mas a vida é repleta desses nós. Quem disse que a semente conhece a flor que irá produzir? Nem sempre é possível enxergar a luz que está nas sombras.

⁵Reflexões que aparecem na Tese de Doutorado do autor apresentada ao curso de Pós-Graduação de Geologia Costeira e Sedimentar, Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia – IGEO/UFBA.

⁶ Publicado originalmente na Revista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Salvador, p. 38 - 39, 01 nov. 2014.





Todo aquele que trilha ou almeja trilhar pelos caminhos da ciência deveria saber que todo trabalho científico conta uma versão da história e, como toda história, é baseada na realidade e carregada por uma visão particular do mundo. Visão que deve ser precedida de muito esmero e carregada de uma consciência construtivista, onde as contribuições representam sempre uma realidade, mas as verdades podem ser passageiras.

Todo trabalho que ora se deseja desenvolver deve ter em si a devida consciência, as cores que nutrem a ciência, o esmero e os procedimentos que se espera de um trabalho científico. Deve ter o anseio verdadeiro de contribuir para uma melhor compreensão do mundo e, a partir daí, ajudar a melhorar a qualidade de vida dos seres humanos e dos demais coparticipantes da comunidade da vida.

A ciência é para melhorar a vida do homem, é disso que se trata, afinal. Que o navegante da ciência, iniciante, mestrandos, doutorandos, procurem compreender no decorrer do desenvolvimento de seus trabalhos a importância de se fazer ciência com consciência, em mundo tão necessitado de iluministas. Não aqueles que acham que tudo hão de desvendar através de um racionalismo estreito, mas aqueles que consideram a fragilidade do homem frente a tantos mistérios e amam o presente, considerando-o não como a da luz nascente da aurora, que é a luz do primeiro olhar⁷, nem a luz sem sombras que afoga mais do que revela⁸, nem a luz do crepúsculo onde o pássaro de Minerva alça vôo, mas a

⁷ Que a é luz dos pré-socráticos, as primeiras luzes da racionalidade (UNGER, 2000).

⁸ A luz sem sombras da Razão (que iria tudo iluminar), da ciência que iria tudo desvendar e da tecnologia que iria tudo programar e o ideal de uma sociedade transparente a si mesma (sem fissuras) comungam de uma mesma ruptura, de uma mesma hybris. A ruptura com o contraditório, o paradoxo, as zonas de sombras. Filhos tardios dessa euforia, nossa herança é a perplexidade. É ela o nosso grande dom. A mitologia grega é reveladora, ela nos diz que Íris (a mensageira dos deuses) aquela que faz a ponte entre o homem e sua transcendência, é filha de Thaumás, o espanto. Tanto Platão quanto Aristóteles se reportam a este mito para dizer que o espanto é arché da





época da luz que também brilha na noite, a luz da fogueira, a luz amarela da lua que circula para lembrar aos homens a presença da luz na própria escuridão (UNGER, 2000).

Um dia ouvi de uma grande professora⁹ que uma tese deve ser encarada, conscientemente, como parte do plano de vida de uma pessoa, por isso deve ser feita com sabedoria e carregada do sabor, o sabor da própria vida. Sem sabor, qual o sentido de se estar vivo ou de se produzir uma tese de doutorado? Sem o enlevo, como encontrar uma experiência luminosa de vida?

A humanidade necessita de experiências luminosas de vida, nas escolas, nas praças, nas casas, nas Academias... Não se separa o homem de suas atividades, o que faz representa uma dimensão de seu ser. Como construir um mundo mais justo, verás, solidário, mais sustentável com produções sem coração, sem enlevo?

A Academia precisa ser reinventada, precisa de um novo começo e os responsáveis são os seus atores. Por isso, chamamos à atenção para a necessidade de um grande reencontro na Universidade, que deve ser, inicialmente, pessoal e intransferível, para que depois a Academia possa reencontrar saberes fundamentais perdidos ou esquecidos ao longo de sua trajetória e que estão fazendo muita falta.

A pesquisa hoje, nas universidades brasileiras, significa uma de suas atividades mais importantes (CANDOTTI, 2002) e poderá ser realmente melhor, mais produtiva, mais encantadora, transformadora, com a emergência de um novo *éthos* ou ética (uma nova maneira de ser implica em novas relações).

filosofia. Como o espanto, a perplexidade permite a irrupção do sagrado, pode ser fonte de criação, porque é uma força desorganizadora, subversiva, titânica (UNGER, 2000).

⁹ Dra. Maria José Marinho do Rego, Professora de Pedologia do Departamento de Geoquímica, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia - UFBA.





Nesse contexto, todos aqueles que se aventuram pelos caminhos da ciência devem, ao nosso entender, superar os seguintes desafios:

- a) aprender a perguntar, pois só consegue responder a uma questão aquele que aprende a perguntar corretamente;
- b) ter ampla leitura, do que foi produzido pela natureza e pela humanidade, para que possa aprender a melhor perguntar e desenvolver a sensibilidade para encontrar as respostas, através da escolha de caminhos adequados;
- c) criatividade, para encontrar caminhos alternativos ou mais eficazes na resolução dos problemas formulados;
- d) conhecer os caminhos que resolve percorrer e, ao mesmo tempo, aventurar-se por labirintos nunca antes navegados, carregando consigo competências¹⁰, ou seja, dons mágicos para vencer dificuldades, encontrar respostas e sentidos, fazer emergir o novo;
- e) não se perder no caminho, em amplo sentido, não perder o caminho da pesquisa, da humildade e do amor à vida, para que possa ter uma mente mais completa, sentir o enlevo de estar vivo e contribuir para o mesmo.

¹⁰ Competência pode ser entendida como a capacidade que o indivíduo possui de mobilizar saberes, habilidades e valores em uma ação, tornando-a significativa.





Os aventureiros da ciência devem superar os desafios postos anteriormente, para que possam alcançar o triunfo, as núpcias, como diz os mitos. Triunfo que só pode ser alcançado com sabedoria, sensibilidade, suor e solidão, afim de reservar-se para refletir. Ao longo da trajetória os cientistas devem “caminhar por esses caminhos”, para que possam então contribuir para o reencontro, para o recomeço, para reinvenção da ordem, para um novo *ethos*, para um ensaio significativo em um mundo ainda tão carente de lucidez.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991. 250p.

CANDOTTI, E. “Ciência à luz da arte.” **Ciência Hoje** 31, (184):18-22, 2002.

UNGER, N. M. **O encantamento do humano**: Ecologia e espiritualidade. Edições Loyola, São Paulo, Brasil. 2^a edição, 2000. 94p.





Por uma nova estação...

OCASO OU AMANHECER?

“Sei tu che spingi avanti il cuore, ed il lavoro duro
Si essere uomo e non sapere, cosa sarà il futuro
Sei tu, nel tempo che ci fa più grandi e soli in mezzo al mondo
Con l'ansia di cercare insieme, un bene più profondo.”
(Claudio Baglioni, La vita è adesso)

“É você que empurra para frente o coração, e o trabalho duro
De ser gente e não saber o que será o futuro;
É você no tempo que nos faz maiores e sozinhos no meio do mundo,
Com a ânsia de procurar juntos um bem mais profundo.”
(Claudio Baglioni, Tradução de La vita è adesso)

Acontece no mundo... Tantas coisas acontecem no mundo! Umas visíveis, outras invisíveis... À luz da ciência algumas faces se revelam e nos permitem nutrir o espírito viajando pelo universo, através das lentes do telescópio *Hubble* ou conhecendo as células para produzir algum elixir salva-vidas. Da energia à matéria, do átomo a megadimensões, como falar do que acontece no mundo e utilizando apenas as asas da ciência?

O que devo focar? Qual lente usar e ao sabor de que tipo de conhecimento? Prezados ouvintes, quero convidá-los a passear pelos labirintos de uma questão crucial, o estado do mundo, e teremos como companhia o colóquio entre ciência, filosofia, arte e religião. Qualquer tipo de conhecimento é como um barco que oscila entre as vagas da incerteza procurando terra firme, é uma aproximação da realidade, por isso é preciso dialogar saberes para nos fortalecermos contra os enganos suscitados pelas aparências.

Acredito que o diálogo entre os saberes é a chave e a porta para uma melhor compreensão do mundo, razão aberta para uma nova visão.



Por uma nova estação...



“A ciência conversa com a arte, a tradição com o moderno, a poesia com a razão, os saberes “selvagens” com todos os saberes. Mulheres e homens, negros e brancos, o certo com o improvável, o material e o espiritual – cada um do seu lugar e com seu olhar – mas mudando de lugar e incorporando o olhar do outro”.

Vamos então analisar o presente, procurando articular diferentes ângulos da realidade, ou seja, utilizando lentes variadas. Um pessimismo generalizado toma conta do cotidiano, parece que tudo vai mal e as condições tecnológicas e espirituais da humanidade não são satisfatórias para equacionar os problemas. Crises de dimensões planetárias, como a do sistema financeiro e as mudanças climáticas, por exemplo, estão nos meios de informação e comunicação apavorando a sociedade civil, criando uma sensação de mal-estar generalizado. Tudo parece apontar para um futuro sombrio, incerto e nada promissor, segundo o império midiático. Estaríamos, por isso, no ocaso (ou anoitecer) da civilização? Ou será que o quadro atual, a despeito do que é propalado, aponta para um futuro diferente e melhor?

Entre 7 e 1,2 milhões A.P., desponta na África os primeiros hominídeos que se tem notícia, o *Australopithecus*. Evoluídos dos *Australopithecus*, há cerca de 2,5 milhões, o *Homo erectus*, o primeiro hominídeo do gênero *Homo*, ultrapassa as fronteiras da África, povoando a Europa e a Ásia. O Homem de Neandertal, com características mais evoluídas que o *Homo erectus*, aparece na Europa e se adapta a condições climáticas extremas, aprendendo a dominar o fogo e a construir edificações para se proteger contra as intempéries climáticas, como muros de pedra e quebra-ventos.

Há cerca de 40 mil anos, aparece o *Homo sapiens*, nosso ancestral mais direto. Este ancestral, embora bem mais evoluído, ainda vivia da caça e da coleta,





por isso ainda estavam muito sujeitos às intempéries naturais. Devido à luta pela sobrevivência e a competição com os animais, era gregário e nômade. Saía pelo mundo procurando condições favoráveis ao seu desenvolvimento, limitava-se em retirar da natureza aquilo que lhe era oferecido de imediato, o que envolvia uma estrutura técnica simples, conhecida como atividade coletora. Nesta fase, segundo Karl Marx, o homem era uma criança presa na andadeira (MORAES; COSTA, 1993).

Quando o homem paleolítico deixa a sua acha e pega o arco e a flecha, entre 500.000 a 18.000 A.P., ele avança na conquista do espaço, por outro lado, o espaço se expande diante dele através das novas possibilidades que surgem. As coisas que estavam além de seu alcance físico e mental agora fazem parte de seu mundo (TUAN, 1975), às vezes causando espantos devido aos novos horizontes que se abriram. Embora sua vida tenha melhorado, os medos emergiram, inevitavelmente, causados pelas novidades que vieram dar à praia. Com sua licença, Gilberto Gil:

A novidade veio dar à praia
Na qualidade rara de sereia
Metade o busto
D'uma deusa Maia
Metade um grande
Rabo de baleia...

A novidade era o máximo
Do paradoxo
Estendido na areia
Alguns a desejar
Seus beijos de deusa
Outros a desejar
Seu rabo prá ceia...

(...)





E a novidade que seria um sonho
O milagre risonho da sereia
Virava um pesadelo tão medonho
Ali naquela praia
Ali na areia...

A novidade era a guerra
Entre o feliz poeta
E o esfomeado
Estraçalhando
Uma sereia bonita
Despedaçando o sonho
Prá cada lado...

(Gilberto Gil, A Novidade).

Algo similar ocorre na contemporaneidade, por causa das novas possibilidades que se apresentam a cada instante. Vivemos na era do meio técnico-científico-informacional-comunicacional, onde impera a fluidez, por isso, o novo é regra e as possibilidades, como nunca na história, aparecem em nossas mentes como infinitas.

O novo amedronta, fazendo emergir as indagações, tais como: Será que vai dar certo? Que futuro nos espera? Estamos construindo corretamente? As perguntas, advindas do espanto são importantes, fundamentais, na realidade, como nos ensina a mitologia grega. Ela diz que *Íris* (a mensageira dos deuses), aquela que faz a ponte entre o homem e sua transcendência, é filha de *Thaumas*, o espanto. Tanto Platão quanto Aristóteles se reportam a este mito para dizer que o espanto é *arché*, princípio de criação, de conhecimento. O espanto pode permite a irrupção do sagrado, por isso pode ser fonte de criação, porque é uma força desorganizadora, subversiva, titânica (UNGER, 2000).

O espanto é natural e pode ser profícuo, o que a humanidade não pode fazer





é parar de criar, de construir, de procurar melhorias, de acreditar que sempre existem alternativas. Dizer que estamos chegando ao fim da história traz um conceito pobre da humanidade. Se os nossos antepassados tivessem desistido, não acreditassem no futuro e empreendessem não teríamos chegado até aqui.

O ódio ao presente parece contagiar, contudo quero dizer: devemos amar o presente, procurar entendê-lo, questionar as relações empreendidas ou impostas, mas nunca odiar o presente. Estaríamos odiando a nossa linda geração, refletidas nas sublimes juras de amor, nas crianças que nascem, brincam e se projetam para o futuro, nas palavras sinceras, nas obras de arte, nos trabalhos meticulosos dos cientistas que produzem novos conhecimentos, no operário que fabrica, nas mãos de pais e mães que acalentam, enfim, nas palestras cheias de esperança, fé em Deus e na vida.

E você acredita no futuro do presente? Ou no presente sem futuro? Que verbo você conjuga? Deixe-me continuar a análise sintática do passado, para que ajudá-lo a refletir.

O passo decisivo do homem na conquista do espaço geográfico é dado com o advento da agricultura, trata-se de um marco. Os antropólogos associam o surgimento da agricultura ao estágio cultural denominado de Neolítico, o qual surgiu provavelmente há cerca de 6.000 a 10.000 anos, modificando profundamente o estilo de vida e a economia humana. Quando o homem começa a lavrar o solo, sua qualidade de vida melhora substancialmente, devido ao controle da oferta de alimentos, o que possibilita a multiplicação dos indivíduos. Surge, assim, um novo homem.

A partir do advento da agricultura, o homem começa a se apropriar do espaço e a dominar cada vez mais a natureza, havendo neste intermédio uma





transposição perene de sua cultura para o solo. Devido à necessidade humana de se fixar próximo às plantações, surgem as técnicas avançadas de construção. Os alcances físicos e mentais do homem se ampliam. A necessidade de construir casas e de guardar alimentos e água levou o homem ao desenvolvimento da olaria, da cerâmica e da tecelagem. Tantas novidades incentivaram a substituição da pedra como matéria-prima básica. Como conhecia e dominava o fogo desde o Paleolítico Superior, não demorou muito para que começasse a utilizar os metais (MAGALHÃES FILHO, 1975).

O crescimento da utilização dos metais alargou a divisão do trabalho e multiplicou as necessidades humanas, contribuindo para a formação de aglomerados urbanos, primeiramente naqueles lugares que dispunham de matérias-primas, favorecendo posteriormente o desenvolvimento do comércio.

Grandes impérios agrícolas surgiram, como os Babilônicos. Posteriormente, grandes impérios comerciais se estabeleceram, como o da Grécia Clássica, inovando a forma de produzir as sociedades. Os nossos comportamentos mais obscuros, como o prazer na tortura e a subjugação de semelhantes, a escravidão, ainda estavam à flor da pele. Contudo, inventamos a filosofia, a arte se diversificou e a expectativa de vida possível ampliou-se consideravelmente, dentre outros ganhos.

A ascensão e o declínio do Império Romano também trouxeram avanços para a humanidade, em diferentes dimensões, materiais e espirituais. E, embora muitos atribuam a Idade Média o codinome “Idade das Trevas”, cremos que a mesma representou um período histórico necessário para o grande avanço posterior, que culminou no Renascimento, no Iluminismo e no advento da Modernidade. Podemos perguntar: será que teríamos estes grandes avanços sem





as crises fomentadas na Idade Média? Esta é uma importante questão para ser debatida. Será que os infortúnios, as crises são obra do acaso ou eles precisam acontecer para que possamos tratar as chagas e renascer? Eu fico com Caetano Veloso:

"É incrível o poder que as coisas parecem ter quando elas precisam acontecer."

Immanuel Kant diz que a história da humanidade é um progresso sem fim e Milton Santos acrescenta: é um progresso sem fim das técnicas. A cada revolução técnica uma nova etapa histórica se torna possível, é o que aconteceu com a Revolução Industrial. Para Hobsbawn (1982), as revoluções que eclodiram entre os anos de 1789 e 1848 constituíram as maiores transformações da história da humanidade, desde os tempos remotos, quando o homem inventou a agricultura, a metalurgia, a escrita, a cidade e o Estado. Este período transformou e continua a transformar o mundo inteiro.

Tais revoluções trouxeram grandes modificações das relações do homem com a natureza e daquele para consigo, inaugurando novas estruturas sociais e originando o sistema capitalista, o qual perdura até nossos dias. O modo de produção capitalista trouxe uma lista extensa de inovações e continua a fazê-lo, alcançando o mundo inteiro. O genocídio ainda não desapareceu de nosso mundo, nem o prazer de degradar a casa comum, entretanto não podemos negar os inúmeros avanços que alcançamos.

É interessante enfatizar que os grandes saltos da humanidade tiveram, como pano de fundo, importantes transformações ambientais. O final do período Terciário, por exemplo, foi marcado por uma grande glaciação, que coincidiu com





o desaparecimento *Australopithecus* e surgimento do *Homo erectus*, a delimitação do Paleolítico, do Neolítico e da Idade Média incluíram tais mudanças. A Baixa Idade Média, por exemplo, foi marcada por uma Pequena Idade do Gelo, a qual agravou os problemas enfrentados na Europa.

A Era Cenozoica, desde o fim do Período Terciário, foi caracterizada por várias mudanças climáticas. Segundo Salgado-Labouriau (1994), estudos de sedimentos do fundo dos oceanos, de isótopos de oxigênio e análises palinológicas em sedimentos continentais indicam que durante o Quaternário (1,8 Ma A.P.) ocorreram pelo menos dezesseis glaciações de tamanho variável.

Segundo Alain Foucault (2000), as considerações expostas anteriormente permitem chegar a uma conclusão universalmente aceita que a partir de alguns milhões de anos, ou seja, durante o Quaternário e mesmo durante o final da era terciária verificaram-se importantes glaciações. Nos Alpes, por exemplo, a partir de há uns três milhões de anos conhecem-se seis episódios glaciários principais, que tiveram importantes consequências, quer na distribuição das terras e dos mares, quer no mundo vivo.

No que refere ao mundo vivo, os condicionalismos geográficos e climáticos determinaram importantes modificações que, não só provocaram migrações de que encontramos registros fósseis, mas também, com toda a probabilidade, foram um elemento essencial para a evolução do mundo vivo nesta época que, como sabemos, assistiu ao aparecimento e desenvolvimento do homem. Será apenas um acaso ou é legítimo pensar que a pressão do meio fez com que este ser frágil e nu aguçasse o engenho para sobreviver e o levou à força pelos caminhos do pensamento e da reflexão? (FOUCAULT, 2000). Em outras palavras, será que as crises conduziram nossos ancestrais à transmutação, levando-nos à





situação atual?

Em nossa visão, a humanidade avançou em muitos aspectos, contudo ainda existe muito a fazer. A nossa relação com os demais irmãos naturais não é sustentável e começamos a perceber isto, o que fez emergir a questão ambiental da contemporaneidade - estamos insatisfeitos com a forma que nos relacionamos com a natureza. Trata-se de uma crise civilizacional, crise que pode nos conduzir a um novo patamar de consciência e, felizmente, como diria Nietzsche, **“só o caos pode gerar uma estrela dançarina”**.

Segundo Unger (2000), a época em que vivemos hoje não é a da luz nascente da aurora, que é a luz do primeiro olhar, nem a luz sem sombras que afoga mais do que revela, nem a luz do crepúsculo, onde o pássaro de Minerva alça voo. Esta é a época da luz que também brilha na noite, a luz da fogueira, a luz amarela da lua que circula para lembrar aos homens a presença da luz na própria escuridão. E hoje, 25 de agosto de 2012, oportunamente é dia de lua quarto crescente, que nos desafia a crescer para dentro e a mudar.

Começamos a perceber o que estamos fazendo com Gaia e, por isso, a nós mesmos. Começamos também a agir diferente, à procura de uma nova ética, ou seja, novas maneiras de nos relacionar com o mundo. Uma das grandes riquezas desta busca de uma nova ética é de tornar manifesto que a crise da contemporaneidade é o sintoma, a expressão de uma crise que é cultural, civilizacional e espiritual. Uma crise que nos obriga a pensar uma questão que ficou “esquecida” por muito tempo, a nossa compreensão do ser (UNGER, 2000).

Emerge da crise planetária um momento oportuno para reorganização, em todos os níveis da existência, e essa reorganização deve emergir de nosso interior.





Por uma nova estação...

Sem sombra de dúvida. Nestes últimos séculos temos investido, de forma unilateral, no mundo da matéria, e os frutos são notáveis, sintetizados na tecnociência maravilhosa que dispomos. A grande tragédia, entretanto, é que não houve praticamente nenhum investimento significativo no mundo da subjetividade, da alma, da ética, da consciência, da essência. O resultado encontra-se nos noticiários tristes e apocalípticos de cada dia: escalada de violência e guerras infindáveis; a exclusão desumana de uma maioria, que morre de fome, por uma minoria, que morre de medo; extinção em massa de espécies; rota da colisão do ser humano com a natureza e todo tipo de aplicações tecnológicas irresponsáveis. O investimento maciço na alma é a única estratégia que poderá viabilizar a perpetuação, com qualidade e dignidade de nossa espécie. Antigas e esquecidas lições: para que serve ganhar o mundo inteiro se você perdeu a sua alma, se você se perdeu de si mesmo, se você se esqueceu do ser que lhe faz ser? Felizmente, crise é também oportunidade de aprender e de evoluir. Gosto de confiar que o ser humano será a maior descoberta do terceiro milênio! (CREMA, 2002).

Segundo Milton Santos (2000), uma grande transformação está em marcha, contudo é preciso que se completem duas grandes mutações: uma filosófica e outra técnica, capazes de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e também do planeta. Essas grandes transformações devem oportunizar a diluição dos espaços de exclusão e construir espaços mais solidários.

Onde impera o absurdo, os limites do imponderável, pode emergir e tem emergido soluções criativas para a desordem; realmente no caos habita a ordem, ou seria, quem sabe, a reinvenção da ordem? (NUNES, 2009).

Segundo Milton Santos (2000), apesar da farsa que encobre ou tenta maquiar o sistema ruído, existem possibilidades e até indícios de mudança, no sentido não só de revelar a mentira utilizando os mesmos recursos técnicos dos mandatários. Um mundo diferente e melhor supõe uma mudança radical das condições atuais, de modo que a centralidade de todas as ações seja localizada





no ser humano e não mais no dinheiro. Empiricamente, tanto a proliferação de grandes populações em áreas restritas, fato causador da genuína e edificante sociodiversidade, como o livre acesso de classes anteriormente excluídas a aparatos tecnológicos e informacionais apontam e propiciam progressos. No campo teórico, o que possibilita mudanças é o crescente surgimento de um novo discurso, com abordagem empírica e concreta.

O desenvolvimento técnico–científico alcançado pela humanidade já a livrou da simples condição de vítima da natureza. O homem já não está preso na andadeira, transcendeu os horizontes postos para melhorar a sua situação enquanto ser vivente. Embora tenha causado e continua a causar importantes impactos negativos, o homem pode construir novas realidades e continuar a progredir.

Embora os temas do horror estejam cada vez mais presentes em nosso cotidiano, potencializados através das “telas” da mídia, a humanidade apresenta fenômenos socioespaciais de “enorme conteúdo teleológico, apontando para um mundo diferente e melhor” (SANTOS, 1993) e são nos espaços de exclusão, nos espaços mais degradados, onde impera os tempos lentos, que têm surgido novas possibilidades para a construção de um mundo mais saudável, mais sustentável. A leitura da beleza é possível e está presente na vida, querendo contribuir para um Ensaio sobre a lucidez (NUNES, 2009).

Segundo a Antropologia Comportamentalista, o que o homem é não está decidido de uma vez para sempre, nas palavras de Oliveira (1993) o homem revela-se como essencialmente aberto; seu comportamento não está simplesmente predeterminado e pré-decidiado pelo sistema instintivo, o que significa que ele pode e deve conquistar-se. “O homem não é pura e





simplesmente, mas se faz no mundo através de sua ação”. O ser humano pode, apesar da cegueira que comanda a sociedade globalitária, transformar-se e construir um novo mundo (NUNES, 2009).

Todos somos filhos e filhas de uma promessa que fizemos e estamos aqui para trazer uma contribuição singular, uma palavra original, uma ação própria. Investir nos talentos que nos foram confiados é o primeiro passo para nos tornarmos agente de saúde e de transformação. A injustiça social e a degradação ambiental têm início na degeneração de nossos pensamentos, sentimentos, palavras e ações. Quando colocamos ordem, equilíbrio e harmonia em nosso interior, naturalmente, iremos transpirar esta conquista e inspiraremos outros a trilharem rumo a esta tarefa higiênica prioritária (CREMA, 2002).

Os pensadores do século XXI estão a escrever, a declamar, a atuar, a palestrar (...), precisamos apoiá-los com nossas mentes e corações, mas, antes de tudo, devemos reexaminar a nossa vida, nossos princípios e valores. O novo mundo começa dentro de cada um de nós..., vamos nos permitir?

Eu vejo a vida
Melhor no futuro
Eu vejo isso
Por cima de um muro
De hipocrisia
Que insiste
Em nos rodear...

Eu vejo a vida
Mais clara e farta
Repleta de toda
Satisfação
Que se tem direito
Do firmamento ao chão...

Eu quero crer
No amor numa boa





Por uma nova estação...

Que isso valha
Pra qualquer pessoa
Que realizar, a força
Que tem uma paixão...

Eu vejo um novo
Começo de era
De gente fina
Elegante e sincera
Com habilidade
Pra dizer mais sim
Do que não, não, não...

Hoje o tempo voa amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo
Que volte amor
Vamos viver tudo
Que há pra viver
Vamos nos permitir...

(Lulu Santos, Tempos Modernos)

REFERÊNCIAS

NUNES, F.C. 2010.

CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1ª edição. 1990. 242p.

CAMPBELL, J. A saga do herói. **In:** O Poder do Mito. DVD, Estúdio Log On/Culturamarcas, São Paulo, 1ª edição. 2005.

FREUND, P. **Mitos da criação**: as origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência. São Paulo, Editora Cultrix, 2008. 248p.

MAGAE, B. **História da Filosofia**. São Paulo, Edições Loyola, 3ª edição. 2001. 240p.



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

NUNES, F. C. Um espaço para a solidariedade: reflexões a partir do livro Ensaio sobre a cegueira. **Revista Garrafa** (PPGL/UFRJ). , v.19, p.1 - 10, 2009.

UNGER, N. M. **O encantamento do humano**: Ecologia e espiritualidade. Edições Loyola, São Paulo, Brasil. 2ª edição, 2000. 94p.



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

ENQUANTO...

Enquanto estou brincando de sonhar
minha amada atravessa o oceano...
Eu queria oferecer-lhe cantigas de mar,
mas meu coração é uma vaga eterna
e não tenho remos tão profundos
para alcançar a exatidão

Tão só
marinheiro,
nó
no
peito
feito
de amor
verdadeiro

Eu quero
lançar as redes
e deste amor
apanhar os doces beijos.

Meu coração
é uma vontade completa,
mas minhas mãos
não conseguem lançar as pontes



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

para alcançar este amor,

doce amor,

que minh'alma,

tão carente de si,

desperta.



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

É TARDE...

É tarde...
e a saudade
cai sobre os meus ombros,
como a lua sobre a floresta

Uma vontade de chorar,
de ter o sol no recanto
para a minh'alma acalmar,
secar as asas
molhadas de pranto

Uma vontade de ter olhos
como as fadas,
e te encontrar
até quando sonhas,
para me agradar,
alegrar o ser,
que sem você
é estranho.

Quero me encontrar,
mas será tarde...?

Quero me confessar,



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

mas será tarde...?

Será tarde para quem ama...?



*“Hoje eu tive um sonho que foi o mais bonito
que eu sonhei em toda a minha vida...”*



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

QUANDO O FRIO VENTO

Quando o frio vento
da discriminação me apavora,
eu navego nas vagas do tempo
para dissipar o tormento

O meu coração
brada com negro furor,
apega-se à força dos mares,
dos quilombos, dos palmares,
para sonhar uma nova nação

Os meus lábios
se entrelaçam com outros lábios,
sinto que é tétrico
o gosto dos genes,
tanto que me farto
e viajo
para bem longe,
antes do alforje
e apresento à minha amada
cor de lua
a África nua

Eu vejo
a savana
soberana,
saio a correr
e por isso gozo,
o meu corpo se deleita
porque se deita
nos sonhos da amada,
como o sol que acorda a madrugada
em busca de sonhos para sonhar



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

E se deliro
é porque respiro
através de seus poros
o cheiro de mãe África

Acordo
e me compasso,
pobre já não me acho...
Em desacordo
ao que se diz,
o povo de meu país
tem a mesma raiz.



Por uma nova estação...



Por uma nova estação...

UMA CANÇÃO UNIVERSAL...

Existem línguas universais, uma delas é a música. Todos conseguem entender o que uma música diz ao espírito, independente da cultura, por isso os sons de um passarinho, de um apaixonado ou poeta têm o poder de educar, sensibilizar ou entorpecer. Da mesma forma, os acordes que fluem das brincadeiras, dos sorrisos e dos gestos de uma criança convencem a alma que para curar o mundo devemos ser como crianças.

As mãos pequenas de uma criança são capazes de acalmar uma nação... Shakespeare nos ensinou que as crianças são a materialização da transcendência, nossa forma de enganar o tempo, “oh invejoso tempo”, como diz Lamartine em “*Le Lac*” (O Lago), que nos rouba os dias de alegria. As crianças são o futuro no presente, conjugando o verbo esperança... Agora, todas às vezes que meu pequeno passarinho Ana Luiza me toca, eu sinto a paz universal, os sonhos das nações e penso: a *lux* graciosa do universo, minha canção predileta! Fernando Pessoa estava certo, agora realmente eu sei o que ele diz:

“Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.”



Por uma nova estação...